

UNIRIO

CCH/Filosofia

2021/1

Introdução à Filosofia

Rodrigo de Souza Dantas

Primeira Parte

Filosofia Moderna

Primeira Sessão

Introdução Geral à História da Filosofia

Segunda Sessão

O materialismo histórico e dialético de Marx.

A produção da vida, tanto da própria, no trabalho, como da alheia, na procriação, aparece desde já como uma relação dupla – de um lado coo relação natural, de outro, como relação social –, social no sentido no sentido de que por ela se entende a cooperação de vários indivíduos, sejam quais forem as condições, o modo e a finalidade. Segue-se daí que um determinado modo de produção ou uma determinada fase industrial estão sempre ligados a um determinado modo de cooperação ou a uma determinada fase social – modo de cooperação que é ele próprio uma “força produtiva”-, que a soma das forças produtivas acessíveis ao ser humano condiciona o estado social e que, portanto, a “história da humanidade” deve ser estudada e elaborada sempre em conexão com a história da indústria e das trocas.

Marx/Engels

O poder social, isto é, a força de produção multiplicada que nasce da cooperação dos diversos indivíduos condicionada pela divisão do trabalho, aparece a esses indivíduos, porque a própria cooperação não é voluntária, mas natural, não como seu próprio poder unificado, mas sim como uma potência estranha, situada fora deles, sobre a qual não sabem de onde veio nem para onde vai, uma potência, portanto, que não podem mais controlar e que, pelo contrário, percorre agora uma sequência particular de fases e etapas de desenvolvimento, independente do querer e do agir dos homens e que até mesmo dirige esse querer e esse agir.

Marx/Engels

Marx, Karl e Engels Friedrich. Ideologia Alemã. P 29/95. P. 537/539.
<http://abdet.com.br/site/wp-content/uploads/2014/12/A-Ideologia-Alem%C3%A3.pdf>

Terceira Sessão

A origem da família, da propriedade privada e do Estado.

De tudo que dissemos, infere-se, pois, que a civilização é o estágio de desenvolvimento da sociedade em que a divisão do trabalho, a troca entre indivíduos dela resultante, e a produção mercantil - que compreende uma e outra - atingem seu pleno desenvolvimento e ocasionam uma revolução em toda a sociedade anterior. Em todos os estágios anteriores da sociedade, a produção era essencialmente coletiva e o consumo se realizava, também, sob um regime de distribuição direta dos produtos, no seio de pequenas ou grandes coletividades comunistas. Essa produção coletiva era levada a cabo dentro dos mais estreitos limites, mas ao mesmo tempo os produtores eram senhores de seu processo de produção e de seus produtos. Sabiam o que era feito do produto: consumiam-no, ele não saía de suas mãos. E, enquanto a produção se realizou sobre essa base, não pôde sobrepor-se aos produtores, nem fazer surgir diante deles o espectro de poderes estranhos, como sucede, regular e inevitavelmente na civilização. Nesse modo de produzir, porém, foi-se introduzindo lentamente a divisão do trabalho. Minou a produção e a apropriação em comum, erigiu em regra dominante a apropriação individual,

criando, assim, a troca entre indivíduos (já examinamos como, anteriormente).
Pouco a pouco, a produção mercantil tornou-se a forma dominante.

Engels

Engels. A Origem da Família, da Propriedade Privada e do Estado. Capítulo IX. Barbárie e Civilização.

http://www.dhnet.org.br/direitos/anthist/marcos/hdh_engels_origem_propriedade_privada_estado.pdf

Quarta Sessão

Marx e a Crítica da Economia Política – Breve Introdução ao Capital.

Marx. O Capital. Capítulo IV. A transformação do dinheiro em capital. Marx. O Capital. Capítulo V. Processo de trabalho e processo de valorização (produção de mais-valia).

<https://www.marxists.org/portugues/marx/1867/capital/livro1/index.htm>

Quinta Sessão

O mercado e as mercadorias fictícias: terra, trabalho e dinheiro. Mercado e Homem. Mercado e Natureza. Mercado e Organização Produtiva.

Karl Polanyi. A Grande Transformação – as origens de nossa época. Capítulo 6. O mercado autorregulável e as mercadorias fictícias: terra, trabalho e dinheiro. Capítulo 14. Mercado e Homem. Capítulo 15. Mercado e Natureza. Capítulo 16. Mercado e Organização Produtiva.

https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/262942/mod_resource/content/2/A_grande_transformac%C3%A7ao_as_origens_de_nossa_epoca_Polanyi.pdf

Segunda Parte

Filosofia Contemporânea

Sexta Sessão

O Neoliberalismo em perspectiva histórica

O capitalismo é indissociável da história de suas metamorfoses, de seus descarrilamentos, das lutas que o transformam, das estratégias que o renovam.

O neoliberalismo transformou profundamente o capitalismo, transformando profundamente as sociedades. Neste sentido, o neoliberalismo não é apenas uma ideologia. É um sistema normativo que ampliou sua influência ao mundo inteiro, estendendo a lógica do capital a todas as relações sociais e a todas as esferas da vida.

Dardot e Laval

Pierre Dardot e Christian Laval. A Nova Razão do Mundo – ensaio sobre a sociedade neoliberal. (2010). Prefácio à edição brasileira (2016). Prefácio à Edição Inglesa (2014). Capítulo 6. A grande virada. P. 189/243. Neoliberalismo e Revolução Capitalista. P. 89/93.

<http://www.afoiceemartelo.com.br/posfsa/Autores/Dardot,%20Pierre/A%20nova%20razao%20do%20mundo%20-%20Dardot,%20Pierre.pdf>

Sétima Sessão

A modelagem da sociedade pela lógica da empresa e a emergência da sociedade e da “governamentalidade” neoliberal.

Dardot e Laval. Capítulo 9. A Fábrica do Sujeito Neoliberal. P. 321-376.

- a) o sujeito plural e a separação das esferas: a esfera consuetudinária e religiosa das sociedades antigas; a esfera do Estado e da soberania política; a esfera das relações mercantis.
- b) a modelagem da sociedade pela empresa.
- c) a “cultura de empresa e a nova subjetividade”.
- d) a empresa de si mesmo como ethos da autovalorização.
- e) “asceses do desempenho” e suas técnicas.
- f) a “gestão da alma” e a gestão da empresa.
- g) risco: uma dimensão da existência e um estilo de vida imposto.
- h) “accountability”.
- i) o novo dispositivo “desempenho/gozo”.
- j) Da eficácia ao desempenho.

Diagnósticos Clínicos do “Neossujeito”

- a) Sofrimento no trabalho e autonomia contrariada.
- b) Corrosão da personalidade. Desmoralização.
- c) Depressão generalizada. Dessimbolização
- d) “Perversão Comum”
- e) o gozo de si do neossujeito.
- f) O governo do sujeito neoliberal.

Oitava Sessão

O Homo Digitalis

O sujeito econômico neoliberal não forma nenhum “Nós” capaz de um agir conjunto. A egotização crescente e a atomização da sociedade leva a que espaços para o agir conjunto encolham rapidamente e impede, assim, a formação de um contrapoder que pudesse efetivamente colocar em questão a ordem capitalista. O *socius* (“social”) dá lugar ao *solus* (“sozinho”). Não a multidão, mas sim a *solidão* caracteriza a constituição social atual. Ela é abarcada por uma desintegração generalizada do comum e do comunitário. A sociedade desaparece. A privatização avança até a alma.

Byung Chul Han

Byung Chul Han. *No Enxame* (2013). *No Enxame* (capítulo). Ed. Vozes. Petrópolis. 2018. Em Anexo.

Byung Chul Han. *Sociedade do Cansaço*. (2010). Anexo. *Sociedade do Esgotamento*. Ed. Vozes. Petrópolis. RJ. 2017. Em anexo.

Nona Sessão

Guerra, economia e política na história do capitalismo mundial.

Nossa primeira tese é de que a guerra, a moeda e o Estado são as forças constitutivas ou constituintes, ou seja, ontológicas do capitalismo. A crítica da economia política é insuficiente na medida em que a economia não substitui a guerra, apenas a prolonga por outros meios, que passam necessariamente pelo Estado: a regulação da moeda e o monopólio legítimo da força, na guerra interna e na externa. Para realizar a genealogia do capitalismo e reconstituir o seu “desenvolvimento”, urge conjugar a crítica da economia política a uma crítica da guerra e a uma crítica do Estado.

Éric Alliez e Maurizio Lazzarato.

O capital é um modo de produção na exata medida em que é um modo de destruição. A infinita acumulação que desloca continuamente seus limites para criá-los novamente promove uma destruição ampliada e irrestrita. Os ganhos de produtividade progridem em paralelo com os de destruição. Manifestam-se numa guerra generalizada, a que os cientistas preferem chamar de *Antropoceno*

em lugar de *Capitoloceno*, por mais que as evidências mostrem que a destruição dos meios nos quais e pelos quais vivemos começa não com o “homem” e suas crescentes carências, mas com o Capital. A dita “crise ecológica” não é o resultado de uma modernidade ou de uma humanidade cegas para os efeitos negativos do desenvolvimento tecnológico, mas o “fruto da vontade” de certos homens de exercer uma dominação absoluta sobre outros, a partir de uma estratégia geopolítica mundial de exploração ilimitada de todos os recursos, humanos e não humanos.

Allié e Lazzarato.

Éric Alliez e Maurizio Lazzarato (2018). *Guerras e Capital. Introdução*. Ubu Editora. São Paulo. 2020. <http://www.ihu.unisinos.br/185-noticias/noticias-2016/561607-guerras-e-capital>

Décima Sessão

Necropolítica: Biopoder, Soberania, estado de exceção, políticas da morte e máquinas de guerra nas periferias condenadas do capitalismo.

A expressão máxima da soberana reside, em grande medida, no poder e na capacidade de ditar quem pode viver e quem pode morrer.

Achille M'bembe

Guerras imperiais tiveram como objetivo destruir os poderes locais, instalando tropas e instituindo novos modelos de controle militar sobre as populações civis. Um grupo de auxiliares locais podia participar da gestão dos territórios conquistados, anexados ao Império. Dentro do Império, as populações vencidas obtinham um estatuto que consagrava a sua espoliação. Em configurações como essas, a violência constitui a forma original do direito, e a exceção proporciona a estrutura da soberania.

Achille M'bembe

Máquinas de guerra estão implicadas na constituição de economias locais ou regionais altamente transnacionais. Na maioria dos lugares, o colapso das instituições políticas formais sob a pressão da violência tende a conduzir à formação de economias de milícia. Máquinas de guerra (nesse caso milícias ou movimentos rebeldes) tornam-se rapidamente mecanismos predadores extremamente organizados, que taxam os territórios e as populações que os ocupam e se baseiam numa variedade de redes transnacionais e diásporas que os proveem com apoio material e financeiro.

Achille M'bembe

Achille Mbembe. Necropolítica - Biopoder, Soberania, Estado de exceção, Política da morte. (2003). N-1 Edições. São Paulo. 2018. Em anexo.

- a) o biopoder e as relações de inimizade
- b) Necropoder e ocupação colonial na modernidade tardia.
- c) Máquinas de Guerra e Heteronomia.

Décima Primeira Sessão

Por uma teoria da transição: ideias para a prática política

O “humanismo absoluto da história humana”, como escreveu Gramsci, “não visa a resolução pacífica das contradições existentes na história e na sociedade, mas é a própria teoria dessas contradições”. A esperança está latente nelas, disse Bertold Brecht. Como vimos, há contradições convincentes o bastante no campo do capital para semear o solo da esperança.

David Harvey

David Harvey (2014). 17 Contradições e o Fim do Capitalismo. Boitempo Ed. São Paulo. 2016. Contradições Perigosas (203-260). Ideias para a prática política. (271-273). Em anexo.